

## UMA HERMENÊUTICA PARA UMA HISTÓRIA LITERÁRIA COMPARATIVA E A LITERATURA REGIONALISTA

BRITO, Francisca Marta Magalhães de  
IFPI-Doutoranda UFPE

**RESUMO:** A leitura de obras literárias envolve aspectos que representam os processos histórico-culturais de uma coletividade, em um tempo histórico. A literatura evidencia questões de ordem política e social, para quem a produz e para quem lê. O contexto da obra literária constitui uma via para a sua interpretação, assim como as suas condições de produção, circulação e recepção. Permite a percepção das múltiplas e complexas relações estabelecidas, em um dado espaço, em um tempo determinado, de maneira dinâmica. O espaço a ser observado, no presente estudo, é o do sertão brasileiro, representado em obras literárias. Os critérios de julgamento dessa produção típica derivam quase sempre de relações sociais de oposição que se estabelecem entre espaços urbanos e interioranos. A realidade é representada dessa forma, em conformidade com os atores sociais e ideologias hegemônicas. Tais aspectos se relacionam, em uma diversidade de textos, de maneira dinâmica. A necessidade de afirmação perante outras culturas, respeitadas e reconhecidas mundialmente, ocasiona deformações nos processos culturais periféricos, configurando-os de modo especular. O espelho funciona como instrumento configurador daquilo que se pretende significar “semelhança”, devido à forte inclinação em imitar-se o modelo hegemônico, ou, porque a cultura totalizante percebe o diverso, a partir de si mesma.

Palavras- Chave: Regional; Diferenças; Redes de relações.

**ABSTRACT:** The reading of literary works involves aspects that represent the historical-cultural processes of a community, in a historical time. The literature highlights issues of social and political order, for those who produce and those who read. The context of the literary work is a way for interpretation, as well as their conditions of production, circulation and reception. Allows the perception of multiple and complex relationships established in a given space, at a given time, dynamically. The space to be observed in this study is the interior, Brazil, and their representation in literary works. The judging criteria are derived from typical production of social relations between urban and hinterland. The reality is represented thereby in accordance with social and hegemonic ideologies. These aspects are related in a variety of texts dynamically. The need for affirmation before other cultures respected and recognized worldwide, causes deformations in cultural processes peripherals, configuring them so speculate. The mirror functions as a tool configurator what is meant "like", due to the strong inclination to imitate the hegemonic model, or, for that culture perceives the totalizing different from itself.

Keywords: Regional; Differences; networks of relationships.

### INTRODUÇÃO

A atitude de se ver o “Diverso<sup>1</sup>,” a partir do modelo do “Mesmo”, cria jogos de antagonismos, em processos históricos, que poderiam ser mais compreendidos em uma perspectiva relacional, afirmativa das diferenças. Para o estabelecimento de redes de relações, enriquecedoras e não subtrativas do *corpus*, face ao da cultura periférica, deve-se examinar o “olhar” dirigido aos tipos regionais, mimetizados na Literatura, suas implicações e as formas de percepção, pelos autores que os representa, em suas obras.

---

<sup>1</sup> A concepção de Diverso e de Mesmo são explicadas por Glissant (1981, p. 1): “O Diverso, que não é o caótico nem o estéril, significa o esforço do espírito humano em direção a uma relação transversal, sem transcendência universalista. O Diverso tem necessidade da presença dos povos, não mais como objeto a sublimar, mas como projeto a por em relação.”

A caracterização das personagens que povoam o imaginário da literatura dita regionalista<sup>2</sup> é questionável, devido às diferenciações que envolvem processos culturais, profundamente marcados pela história, em redes de relações, nem sempre tão “visíveis,” se o critério for o da abordagem histórica linear. As representações das personagens da literatura regionalista, por vezes, tratada de modo diferenciado, em relação àquela tida como canônica, requer estudos acerca da ideologia do olhar diferenciador.

Sob o prisma da diferenciação, a literatura regional é vista como esotérica. Isto a distingue do *corpus* e reafirma a noção de que existe uma Literatura de nível superior e literaturas outras, entre as quais se situa a que tematiza as questões de vida e morte, em regiões interioranas, a exemplo do Nordeste brasileiro.

## 1 IDEOLOGIA, HEGEMONIA E LITERATURA

A Cultura hegemônica baseia-se na crença de que existe uma literatura universal, totalizante. Tudo o que for diferente do modelo da elite causará estranheza e será percebido como menor. De acordo com Santiago, (1986, p.6): “[...] A verdade da universalidade colonizadora e etnocêntrica está na metrópole, não há dúvida; a verdade da universalidade diferencial como estamos vendo, com a ajuda da Antropologia, está nas culturas periféricas.”

A escritura e a leitura de obras literárias se articulam em tramas, consolidando a ideologia de uma época, de um espaço geográfico. Tal fenômeno mostra a história que é permitida veicular, as representações dos processos histórico-culturais de uma Nação, evidenciando questões de ordem política e social relevantes. Segundo Said (1993, p. 46): “[...] não devemos isolar a literatura da história e da sociedade. A suposta autonomia das obras de arte acarreta uma espécie de separação que, a meu ver, impõe uma limitação indesejável, a qual não é de forma.”

A literatura regional não deve ser percebida como um apêndice da Literatura privilegiada e tipificada como clássica, a que assume um *status* de melhor representante da nossa nacionalidade, enquanto acervo e autorias. Sobre a existência de uma Literatura nacional, Glissant, (1981, p. 4), afirma que:

Diz-se que há literatura nacional quando uma comunidade contestada em sua existência coletiva tenta reunir as razões desta existência. A produção literária que participa de tal consciência coletiva em busca de si mesma não é apenas exaltação da comunidade, mas também reflexão sobre (e preocupação de) sua expressão específica. O discurso não se contenta em dizer, mas exprime ao mesmo tempo a razão pela qual ele diz desta maneira e não de outra.

As demarcações antagônicas na Literatura, que seguem modelos sociais pré-definidos são incoerentes. Para Hall (2003, p. 286): “[...] classes sociais diferentes servem-se de uma só e mesma língua. [...]. O signo se torna a arena onde se desenvolve a luta de classes... [...].” (grifos meus).

O estudo contemplará as relações nas trajetórias de vida e morte dos habitantes do sertão brasileiro, representados em nossa literatura, a partir de aspectos descritivos de

---

<sup>2</sup> Antonio Candido, em seu livro Educação pela noite, analisa o Regionalismo, enquanto tendência literária, como toda a ficção vinculada à descrição das regiões e dos costumes rurais desde o Romantismo. (Literatura e Subdesenvolvimento, 2006, p. 190).

suas personagens. As obras selecionadas são díspares, no que se refere a: gênero, autoria e épocas. Objetiva-se revelar os fios que tecem essa história literária singularizada. A Literatura é concebida como produto de práticas sociais discursivas e multifacetadas. Evidencia-se a “modelagem” de personagens que povoam o imaginário dos romances regionalistas, visto envolverem processos culturais profundamente marcados pela história. Corroborar com essa noção Said (1993, p. 23):

Não creio que os escritores sejam mecanicamente determinados pela ideologia, pela classe ou pela história econômica, mas acho que estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus. A cultura e suas formas estéticas derivam da experiência histórica, [...] (grifos meus).

O estudo da literatura em uma perspectiva histórico-comparativa liga-se à intencionalidade, pois não há obra sem contexto que a respalde e que não esteja por ela e nela representado, assim como não há autoria sem princípios ideológicos que a oriente:

A narrativização na história literária comparativa expressa direção e propósito e, conseqüentemente, planeja um "pseudo-enredo" para os eventos; entretanto, por causa da nossa estrutura paradigmática contextual, essas propostas avançam dentro de unidades esquemáticas específicas, obtidas da riqueza de dados oferecidos no contexto social estruturador, e são apresentadas como variações interpretativas. Assemelha-se, de alguma forma, à leitura de um hipertexto. O texto é lido em conjunção com uma quantidade de outros textos interrelacionados, em uma variedade quase infinita de possíveis configurações históricas. A única limitação encontra-se na historicidade do leitor e nas capacidades, na imaginação e no repertório representacional da época. (VALDES 1996, p. 4).

O contexto de uma época define os limites das interpretações. Isto pode ser explicado pela consideração de que o sujeito que cria e o que lê são situados, marcados pelas possibilidades de leitura temporais e espaciais. Sobre a relevância dos sistemas referenciais, analisa Valdes (1996, p.1):

O contexto da literatura pode ser caracterizado como uma complexa dialética de sistemas expressivos. A característica fundamental desse contexto, no entanto, é que a troca é dinâmica, uma intersecção temporalmente marcada de sistemas referenciais, e que, como tal, não pode ser reduzido a uma configuração determinada. Tanto é assim que podemos dizer que a leitura e a escrita da literatura são ações comunicativas reguladas normativamente por um tratamento argumentativo de “reivindicações de verdades. [...]”. Tanto é assim, que o intertexto cultural tornou-se uma parte essencial na interpretação do aspecto literário da identidade cultural. (Grifos meus).

Em nossos processos histórico-literários, foram criadas personagens, em busca de uma identidade nacional. As tentativas feitas com o índio foram “aceitas”, por algum

tempo, mas com o advento da República e o desenvolvimento da economia industrial, no país, o mestiço brasileiro, o homem que habita as regiões do meio rural é convocado a representar o herói ou o vilão do sertão, segundo o conjunto de verdades defendidas. Para Glissant (1981, p. 4), o ideal nacionalista encontra ressonância nas práticas discursivas, assim como em outras práticas sociais: “Diz-se que há literatura nacional quando uma comunidade contestada em sua existência coletiva tenta reunir as razões desta existência.”

Infere-se que a literatura regionalista consiste uma produção específica. E que, não só constitui um instrumento de validação nacional, enquanto território, como também de uma consciência étnica e cultural, com vistas ao conceito de Nação. Entende-se que as caracterizações de sertanejos, na literatura nacional, denunciam as suas especificidades e as razões das diferenças.

## 2. OS SEVERINOS - “IGUAIS EM TUDO NA VIDA”

A caracterização de personagens estende-se às formas de narrar, pois não podem ser retiradas do texto ficcional, sem a autorização de quem cria e de quem relata as ações. Autor e narrador são, no processo descritivo, figuras relevantes. O estudo das caracterizações em foco não prescinde da inclusão do narrador, seja qual for o seu ponto de vista, pois é sempre ele o artífice das tramas, quem decide os destinos das personagens, quem se relaciona com o leitor e com a matéria da narrativa, ainda que de forma não explícita.

Razões históricas, sociológicas, antropológicas, geográficas e outras tantas, quantas forem possíveis descortinar, para entender-se a fenomenologia da obra literária, que representa o(s) sertanejo(s), e as configurações de tais representações na literatura brasileira, em seu *locus*, nada *amoenus*, são remissivas à ideia de impossibilidade de obtenção de um padrão de igualdade. Não há homogeneidade, nem critérios que possam realizar uma unificação. Existem sertanejos, na literatura nacional, e não um homem-síntese do sertão.

Os tipos são também representativos de realidades que parecem imutáveis, em seu espaço restrito. Porém, não se podem ocultar as questões sócio-históricas, marcadas pela ação humana, em rede de relações, no tempo. Para Glissant, (1981, p. 1), o Diverso e a diversidade constituem elementos de um só núcleo articulador, que se situa no mesmo plano: o da diferença. A diversidade cultural é compreendida como consequência de processos históricos e das trocas realizadas entre povos e nações, através da mistura racial e linguística, dentre outras. Tais fatores impossibilitam a transformação do Diverso em Mesmo, inclusive entre os mesmos mestiços do sertão, por questões temporais ou regionais.

O sertanejo é representado na literatura nacional, como o polo da diferença, na conjuntura de uma Cultura legitimada. Alguns fragmentos de obras literárias distintas serão transcritos e o núcleo articulador do estudo é o da tematização de suas trajetórias, pelo deslocamento espacial, com ênfase na dicotomia: Diverso e Mesmo. Segundo Valdes (1996, p.2): “[...] Na história literária comparativa obras literárias são reformuladas como eventos históricos dentro de um contexto cultural dinâmico” (grifos meus).

Em *Os Sertões* de Euclides da Cunha, a célebre frase define: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral.” A frase citada integra uma descrição do sertanejo de Canudos. Desdobra-se em subtrações: “A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações

atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto.” (CUNHA, 2009, p. 146-147). A transfiguração homem e os seus motivos são revelados (2009): [...] “do tabaréu canhestro repona, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias.”

Notem-se as contradições que regem essas caracterizações. É um forte, mas por subtração, pois a ênfase da descrição está em sua fraqueza e fealdade. A força aludida só aparece em reação a fatores externos, suficientemente fortes para provocar-lhe o arrebatamento de si mesmo, sacando-o do estado de fadiga permanente. O homem torna-se então ágil e potente, comparado a um titã acobreado. Destaque-se o seu aspecto mestiço, tendo em vista que a miscigenação é um aspecto considerável na tipologia sertaneja, por assumir caráter legitimador dos processos formativos de uma etnia da nação brasileira, buscada, na literatura, através de uma representação multirracial e multicultural.

Observe-se um trecho do conto “Urupês”, de Lobato, (2007, p. 170), que lançou outro sertanejo: “Seu grande cuidado é espremer todas as conseqüências da lei do menor esforço - e nisso vai longe.” A ênfase de sua caracterização também está na fraqueza e fealdade: “Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade!” (LOBATO, 2007, p. 169): Jeca Tatu representa um tipo caipira, de outra região do interior do Brasil. Nas palavras de seu “criador”: “[...] é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne onde se resumem todas as características da espécie”. (LOBATO, 2007, p. 169). A preguiça é seu traço mais forte. É descrito como um ser em estado de desânimo, impedido de mudar a situação de escassez em que vive, ou vegeta.

A vida desses sujeitos representacionais parece ser determinada por questões alheias a sua vontade, que não têm força para reverter. Determinismos? Vejam-se os versos recitados por Severino, de “Morte e Vida Severina” (MELO NETO, 2003, p.85): “[...] E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida,/ morremos de morte igual,/ mesma morte Severina:/ que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta,/ de emboscada antes dos vinte/ de fome um pouco por dia/[...]”(grifos meus).

A esperança é restaurada, no poema, em nível de futuro incerto, através de imagens representativas do nascimento de uma criança. A novidade rompe com a desesperança e abre espaço para possibilidades futuras. A criança poderá ter um destino igual ao de seus antepassados ou outro, modificado pela força da vida, que ali se impõe; pela criatividade; pelo trabalho das mãos de uma geração que floresce, simbolizando a afirmação da vida, em um cenário de morte: “- De sua formosura/ deixai-me que diga:/ é tão belo como um sim/ numa sala negativa”. (MELO NETO, 2003, p.121).

Veja-se a caracterização de Macabéa, de “A Hora da Estrela”, no trecho: “- Oh mulher, não tens cara?/ - Tenho sim. É porque sou achatada de nariz, sou alagoana. (LISPECTOR, 1998, p. 27) [...] nascera de maus antecedentes [...] parecia uma filha de um não-sei-o-quê [...]” (LISPECTOR, (1998, p.65, grifos meus). A aparência da moça é fundada em sua origem étnica e social. O narrador a deprecia e a enaltece, por concessão: “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo”. (LISPECTOR, 1998, p. 27). A nordestina é descrita como inadequada, em relação ao ambiente em que vive, posto que não é o seu de origem. A personagem “possui a fealdade dos fracos”, referida na personagem euclidiana. Ela também se transfigurar, no epílogo trágico, e depende do narrador para viver ou morrer, no que difere dos sertanejos de Canudos.

A supremacia do narrador permite a leitura de aspectos ideológicos de uma época, assim como pode resgatar culturas e valores do passado, em contraposição aos do presente. Essa transparência revela as posições ideológicas dos autores, ainda que inconscientes ou veladas. As relações, no contexto da obra literária, contêm fios

invisíveis, como na trama do real. A metaforização não é suficientemente autônoma, para ocultar as relações sociais e econômicas, as ideologias, os jogos de poder.

Em uma perspectiva etnocêntrica, note-se que o “olhar” do dominador se projeta sobre o dominado, transfigurando-o pelo desejo de dominação, e que do lado oposto o “olhar” (do dominado) também reflete o desejo de ocupar o lugar do Outro. De acordo com Santiago (1980, p. 2): “[...] a experiência da colonização é basicamente uma operação narcísica, [...] o outro é assimilado à imagem refletida do conquistador, confundido com ela, perdendo, [...], a condição única de sua alteridade.” (grifos meus).

Sendo a imagem um instrumento da identidade e não da identificação do EU com o outro, e sendo o eu quem determina as regras do jogo social, penso que Jeca Tatu, o sertanejo euclidiano, os Severinos, “iguais em tudo na vida”, assim como as moças nordestinas que espelham em suas faces a falta de jeito, constituem representações de tipos diferenciados. São de localidades e de Culturas diferentes, embora se assemelhem, na ficção. Bhabha (1998, p. 8), alerta que: “A imagem é apenas e sempre um acessório da autoridade e da identidade; ela não deve nunca ser lida mimeticamente como a aparência de uma realidade [...]” (grifos meus).

Ainda que o tratamento recebido pelas personagens seja o de imagens refletidas, o espelho é sempre o da Cultura que se proclama a certa, forjada na desigualdade, tendo a diferença como elemento de subtração.

## CONCLUSÃO

Os perfis de sertanejos estudados corroboram com a concepção homogeneizante. Representam o Diverso, em relação ao cânone, entretanto, são nivelados entre si: fracos, feios, doentes, sem bons modos e sem elegância. As outras semelhanças perceptíveis, referentes a aspectos positivos, os identificam menos subtraídos. São atributos heroicos: coragem, determinação, valentia, capacidade de luta, excetuando-se o Jeca Tatu, pois, a sua melhor atuação consiste em não fazer nenhum esforço, segundo o narrador.

O enfoque dado ao tema discutido, com os fundamentos teóricos que apresenta, constitui uma das vertentes, para a condução de uma investigação: a dos Estudos Comparativos e das Questões Culturais em Literatura. A comparação utiliza-se da história, em redes de relações, possibilitando o estudo de obras literárias de diferentes épocas e estilos, produzindo intertextos, no universo ficcional.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Interrogando a identidade, p. 70-104. Comentário: Sabine Mabordi (UBC - University of British Columbia) Tradução do comentário: Mariana Lustosa (UFRGS).
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Ed. Martin Claret. Série Ouro, 2009.
- GLISSANT, Edouard. **Le discours antillais**. Paris: Seuil, 1981, p.190-201: Le Même et le Diverso. Comentário: Graciela Ortiz (UFRGS). O Mesmo e o Diverso.
- LISPECTOR, Clarice. **A Hora da Estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBATO, Monteiro. **Urupês**. - São Paulo: Globo, 2007.
- MELO NETO, João Cabral de. **Melhores Poemas de João Cabral de Melo Neto/Seleção de Antonio Carlos Secchin**, 9. edição. São Paulo: Global, 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980: Apesar de dependente, universal.** Comentário: Maria Consuelo Cunha Campos (UERJ).

SAID, Edward. **Introdução**, Capítulos I; II; III; IV. In Cultura e Imperialismo. 1993.

VALDES, Mário J. **A Hermeneutic model for comparative literary history.**

**Poligrafias: revista de literatura comparada.** México, n.1 p. 9-21, 1996. Comentário: Luís Roberto Cairo. (UNESP-CNPQ). Um Modelo Hermenêutico para uma História Literária Comparativa.